



ESTUDO DE CASO: “O ENSINO DO LÉXICO EM SALA DE AULA”

Adelgise Silva Moreno Fernandes

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Garcia

Anne Karine Muniz da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, adelgisefernandes@hotmail.com, maria_defatima@yahoo.com.br, annekarineacari@gmail.com

Introdução

O estudo do léxico na escola é fundamental para o desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita, considerando que estas competências são extremamente relevantes e necessárias para atender às diversas demandas da vida social e profissional humana.

Destarte, pensar sobre o ensino do léxico é tomar consciência sobre a importância de se compreender a “palavra”, ou seja, ter intencionalidade e clareza no instante que se fala, que se lê e que se escreve. Esta reflexão permite que o educador construa junto ao estudante uma aprendizagem significativa que não reduz o vocabulário a um conjunto de regras e combinações, porém, busca entendê-lo quanto aos seus aspectos culturais.

Então, tendo em vista a relevância do estudo do vocabulário para a formação sociocultural do ser humano, este artigo tem como questão direcionadora: “Como ocorre o ensino do léxico em sala de aula?”, que surgiu a partir da observação de duas aulas de Geografia, numa turma do 4º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola privada - Currais Novos-RN-.

O artigo foi executado no interior do componente curricular “Pesquisa Educacional”, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – como uma atividade avaliativa para aprovação no 3º período.

Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo dialogar com o leitor acerca das interpretações e análises realizadas no tocante ao ensino do léxico em sala de aula, em especial, com a ótica da experiência mencionada; descrever o que é o léxico de uma língua; e explicar



como o uso do dicionário pode subsidiar esse ensino, que é basilar para a ampliação do universo vocabular do educando.

Ademais, este artigo está organizado em três momentos: Fundamentos Teóricos, que aborda os pressupostos de ANTUNES (2012) e (2014), sobre questões relativas ao ensino do vocabulário na escola, o que é o léxico de uma língua e como o uso do dicionário pode subsidiar esse ensino lexical; Metodologia, que trata do tipo de pesquisa – qualitativa/descritiva - empregada nesse estudo, na voz de STAKE (2011), analisada com base na observação das duas aulas – de Geografia - e entrevista efetivada com o professor; Resultados e Discussão; discorre acerca dos dados e documentos coletados, estabelecendo uma relação entre as conjecturas de ANTUNES (2012), ARANHA e MARTINS (1993), BAKHTIN (2011) e FIORIN (2015) para análise do objeto de estudo dessa pesquisa; e por fim, nas Considerações Finais descrevo as respostas encontradas para a questão direcionadora dessa investigação, de acordo com a observação, a leitura, e a interpretação realizada no que tange ao ensino do léxico no âmbito escolar.

Fundamentos Teóricos

Para descrever como ocorre o ensino do vocabulário em sala de aula, o presente trabalho se fundamentou nos pressupostos de ANTUNES (2012). Sendo assim, este evidencia que o ensino do léxico nas aulas de língua portuguesa tem caráter breve, e insuficiente:

[...] tomando como referência os livros didáticos [...], ao ensino da gramática é que é dado o maior espaço, materializado no número de páginas em que se descrevem ou se prescrevem os itens e as normas de gramática. [...] o estudo do léxico fica reduzido a um capítulo em que são abordados os processos de “formação de palavras”, com a especificação de cada um desses processos, acrescida de exemplos e de exercícios finais de análises de palavras. (ANTUNES, 2012: 20 e 21)

Dessa forma, é constatado que a gramática tem um lugar hegemônico, nos programas de ensino, quando comparado ao espaço diminuto ofertado para o estudo do léxico. Com isso, as palavras que segundo ANTUNES (2012: 27), são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem, parecem ser ofuscadas pelo “brilho” gramatical, como se fosse possível construir um texto só com gramática e, sem o léxico.

Outro fator responsável pela escassez do ensino vocabular, no âmbito escolar, é o constante trabalho de significação básica das palavras, sem considerar o contexto no qual estão inseridas, a cultura de cada lugar e de cada época. Na estreiteza desse vocabulário básico:



[...] o aluno não reconhece seu próprio vocabulário, tão mutante, tão naturalmente ajustado às determinações de cada contexto e de cada cena de interação. [...]. Essa perspectiva de reduzir a palavra a uma única significação se ajusta muito bem aos costumeiros exercícios em torno de palavras isoladas ou de frases descontextualizadas. (ANTUNES, 2012: 22 e 23)

Nos reduzidos momentos em que ocorrem a exploração dos significados das palavras, é notório também o destaque que se dá às atividades acerca de sinônimos e antônimos, desconsiderando a existência de outras relações semânticas.

Desse modo, enquanto o ensino do léxico visar apenas o trabalho morfológico das palavras, os seus significados básicos e as relações semânticas entre sinônimos e antônimos como foi trazido, o objetivo genuíno de expandir as competências lexicais deixa de ser alcançado.

Entretanto, o que é o léxico de uma língua? Pode-se considerar por léxico todo o acervo de palavras que uma língua dispõe a ser usado pelos falantes da mesma, de modo que atenda às suas necessidades comunicativas. Diante disso, é patente a imprescindibilidade da gramática e, principalmente, a do léxico para a existência da língua. No dizer de ANTUNES (2012: 27): “Se é verdade que não existe uma língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua.”

Além dessas considerações gerais sobre o léxico de uma língua, há outras específicas que contribuem para um entendimento mais amplo e consistente do mesmo por exemplo, o “eu” entra em contato com o mundo mediante o uso da linguagem. A afirmação antecedente destaca a nossa interação com o meio em que estamos inseridos por intermédio da língua. Todavia, para que essa relação se estabeleça é preciso, inicialmente, a construção de categorias cognitivas como consequência das experiências vividas, que são expressas pelas palavras. Com isso se quer salientar a amplitude do léxico, que abrange um repertório de palavras responsáveis por preservar as memórias culturais de um povo.

Destarte, o professor precisa considerar a dinamicidade das manifestações culturais e, por conseguinte, da língua que muda e reformula-se constantemente, para assim proporcionar aos seus educandos o ensino significativo do léxico.

Basta considerarmos a inexorável instabilidade e variabilidade de que é dotado o mundo. Tudo muda; tudo está em processo de definição e redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas. Consequentemente, a língua também é instável e invariável, ajustando-se a cada contorno sociocognitivo dos contextos em que têm lugar as ações de linguagem que empreendemos. (ANTUNES, 2012: 28)



Após a identificação de como ocorre o ensino do léxico em sala de aula e o que é o léxico de uma língua, explicar-se-á como o uso do dicionário pode subsidiar a prática pedagógica e, concomitante, preencher as lacunas desse estudo.

O dicionário nos provê informações no que tange a definição, pronúncia, ortografia, etimologia e classe gramatical das palavras, como também, materializa uma parte extremamente importante da memória cultural de uma língua. Nesse cenário:

[...] as informações a que podemos ter acesso em um dicionário ultrapassam o limite de sua configuração linguística para abranger o domínio das representações culturais ou da ‘memória social’ que a língua naturalmente registra. (ANTUNES, 2012:136)

Portanto, haja vista as múltiplas funções do dicionário, considera-se indispensável o seu uso para o ensino do léxico em sala de aula, pois o mesmo promove a autonomia do discente; o reconhecimento do contexto de utilização das palavras; a capacitação para a prática da variação lexical; e por fim, a descoberta dos vestígios da história da língua e da identidade cultural dos falantes desta. É por meio de experiências lexicais significativas que o ser humano torna-se capaz de abstrair o mundo e transformá-lo, pois, a linguagem é “um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural, pois é ela que nos permite transcender a nossa experiência” (ARANHA e MARTINS, 1993).

No instante em que as pessoas tiverem acesso a um ensino significativo do léxico, espera-se que estas, quando encontrarem-se diante de situações onde alguém “fala mal”, possam atribuir isso ao fato do sujeito ter um vocabulário reduzido e, não somente aos erros gramaticais cometidos.

Encerra-se assegurando que a superação das inadequações no ensino do vocabulário é alcançável e permite “a escola sair do fracasso e chegar ao sucesso de garantir a seu público o domínio da fala, da leitura e da escrita, [...]” (ANTUNES, 2012: 166).

Metodologia

Antes de adentrarmos de fato na explicação da metodologia aplicada nesse estudo, salientamos que os sujeitos serão identificados respectivamente como professor e aluno, e a repartição onde a pesquisa foi realizada como escola privada, de Currais Novos-RN.



Esse estudo tem o caráter qualitativo que, segundo STAKE (2011: 21), “significa dizer que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana”. Portanto, o pesquisador de uma investigação qualitativa está interessado no funcionamento das coisas em situações específicas, no nosso caso, interessa saber como ocorre o ensino do léxico em sala de aula – numa turma do 4º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola privada -.

Durante toda a investigação sobre o ensino do léxico em sala de aula, “a experiência pessoal, a intuição e o ceticismo”, como ressalta STAKE (2011: 21), trabalharam juntos para aperfeiçoar as teorias e os experimentos. Sendo assim, o momento que vivenciamos, na turma do 4º ano, foi o que motivou a busca pela compreensão dessa problemática. A intuição foi a responsável por levantar as questões -“O que é o léxico de uma língua? ” e “Como o uso do dicionário pode subsidiar o ensino do léxico?”- direcionadoras e, pelas interpretações pessoais feitas durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa. No entanto, para tornarmos essa experiência e intuição confiável, nos fundamentamos nos pressupostos de ANTUNES (2012), que apresenta as condições do ensino do léxico nos programas de ensino. Nesse ideário:

“[...] muitas pesquisas qualitativas boas apresentam o pensamento de outras pessoas na forma de dados e interpretação. Conseqüentemente, o pesquisador é um ouvinte, um entrevistador e um descobridor das observações que outras pessoas estão fazendo. (STAKE, 2011: 78)

Sobre o ceticismo, sabemos que essa é uma característica cogente para o pesquisador, pelo menos por um período de sua investigação, pois esse procedimento de dúvida é o que proporciona a insatisfação diante das evidências e, por conseguinte, a procura por respostas para as novas indagações. Porém, “a dúvida que paralisa pode ser prejudicial”, como alega STAKE (2011: 64), por isso é preciso ter um espírito cético equilibrado, visando a busca por um melhor entendimento das evidências do seu objeto de estudo.

Para entendermos o nosso objeto de estudo, houve a observação de duas aulas de Geografia, a construção de um roteiro de entrevista – ver APÊNDICE - aplicado com o professor e, a análise dos documentos coletados: textos e atividades utilizados durante as aulas. A observação tem pontos fortes como, o fato de o pesquisador poder analisar simultaneamente quem, o que, quando, onde e por que os relacionando, principalmente, à questão da pesquisa” (STAKE, 2011: 103). Contudo, esse mesmo teórico destaca um ponto negativo sobre a observação, enquanto método de pesquisa, sendo esta: a preocupação que um pesquisador iniciante tem de fazer um registro preciso do que está acontecendo. Diante disso, ainda, STAKE (2011: 107) afirma:



Sim, o registro precisa ser correto, mas há mais de uma chance para conseguir isso. A primeira responsabilidade do pesquisador é saber qual é o acontecimento, enxergá-lo, ouvi-lo, tentar compreendê-lo. Isso é muito mais importante que fazer a observação perfeita [...]. Muito do que escrevemos é uma aproximação que pode ser aprimorada posteriormente, se soubermos o que aconteceu exatamente.

Quanto a entrevista efetivada junto ao professor da turma observada, ela foi pensada com o propósito de obtermos informações singulares ao fenômeno e a pessoa entrevistada, cujas não havíamos identificado no momento da observação das aulas de Geografia. Desse modo, a entrevista foi elaborada conforme os problemas que tangem ao ensino lexical e constituídas por quatro questões semiestruturadas, das quais duas eram expositivas. Segundo STAKE, Robert E. (2011: 110) as questões expositivas exigem que o “entrevistado tenha mais concentração para analisar e responder sobre uma afirmação, uma história, um material, uma citação específica ou algo do tipo”.

Além desse aspecto que foi apresentado acerca da entrevista, ela também pode subsidiar a estratégia da *triangulação*¹ usada por um pesquisador qualitativo, para assegurar que as evidências são confiáveis. Então, as questões sobre o ensino do léxico interpeladas ao professor ocorreram no sentido de conseguirmos informações, que comprovassem algumas observações que suscitaram incertezas. Essa triangulação é mais uma consequência do ceticismo falado anteriormente neste capítulo. No concernente a isso, STAKE (2011: 138) diz:

Os pesquisadores qualitativos triangulam suas evidências. Em outras palavras, para chegar aos significados corretos, para ter mais confiança de que a evidência é forte, eles desenvolvem diversas práticas chamadas de “triangulação”. A mais simples delas, provavelmente, é “observar e observar novamente inúmeras vezes”. [...] Mas a triangulação também é “verificar com os envolvidos” [...].

Portanto, é importante salientar que a realização e interpretação do estudo acerca de como ocorre o ensino do léxico em sala de aula contribuiu para expansão do assunto no meio acadêmico e, especificamente, para os conhecimentos científicos do autor.

Resultados e Discussão

A linguagem é essencial para o ser humano, pois é somente através dela que o indivíduo pode se fazer entender, assim como, compreender o outro. Por isso, a linguagem não deve ser restringida a um código já que “o discurso é acima de tudo uma ponte lançada entre duas

¹ Estratégia geral usadas pelos pesquisadores qualitativos para expressar dúvida. (STAKE, 2011: 64)



peçoas, elas próprias socialmente determinadas. ” BAKHTIN, M. (2011, p.27). Contudo, os sujeitos participantes de um colóquio só poderão ser “socialmente determinados” se conhecerem os aspectos culturais do léxico.

Sendo a sala de aula o ambiente da educação formal do ser humano, responsável por sistematizar o ensino, estudar o léxico é imprescindível para a construção do conhecimento, que ocorre na interação professor-aluno. Considerando mais especificamente a linguagem verbal, é de conhecimento de grande parcela da população que a gramática e, principalmente, o léxico são importantes para a existência da língua. Destaca-se a relevância do vocabulário na afirmação anterior, pois as palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem, segundo ANTUNES (2012).

No entanto, é constatado que o estudo da linguagem no âmbito escolar tem ofertado maior espaço à gramática “descontextualizada” do que ao estudo do léxico, sendo este de caráter breve e lacônico. O destaque para o termo “descontextualizada” ocorre para esclarecer que o estudo gramatical é importante quando relacionada ao seu contexto, considerando que ela deve estar “a serviço dos sentidos e das intenções que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer” ANTUNES (2014, P.47).

Dessa forma, a carência do ensino vocabular tem permeado tanto as aulas de Língua Portuguesa quanto as dos demais componentes curriculares como, nesse estudo, as de Geografia. Então, tendo em vista a insuficiência do estudo lexical observada no decorrer de duas aulas de Geografia, numa turma do 4º - Ensino Fundamental I – de uma escola privada, foi que se optou por esta temática. Nas referidas aulas o tema era “Aquecimento Global” e as dúvidas em tocante a termos – camada, radiação, nocivas, cauterizada, eleva, entre outros - que atravessam este assunto foram frequentes. Sendo assim, essas foram observadas desde o instante da leitura dos textos até a realização das atividades, no livro didático. O estranhamento desses alunos às palavras que geralmente não estão presentes no seu cotidiano é comum.

Entretanto, a forma como o docente reagiu a essas dúvidas foi inadequada, por exemplo, quando o mesmo respondia às indagações apenas evidenciando o significado básico dessas palavras - sem contextualizar e possibilitar a reflexão do discente, para uma aprendizagem significativa -. Além disso, o mesmo algumas vezes agia de maneira inconsistente quando explicava à turma que a resposta deveria partir dela, porém não havia a oportunidade da pesquisa como, através do auxílio de dicionários. Com isso, é provável que ocorram sérios



prejuízos - dificuldade na construção do sentido do texto, possuem um vocabulário reduzido e, por conseguinte, embaraço em se expressar oralmente de forma clara e objetiva - para a vida desses educandos.

Para confirmar algumas observações registradas no decorrer das duas aulas de Geografia, elaboramos um roteiro de entrevista (ver APÊNDICE) que versou sobre o espaço que o ensino do léxico ocupa nas aulas de língua portuguesa e quais as razões provocam seu caráter breve e insuficiente; a importância desse ensino nos demais componentes curriculares; como o léxico é abordado no livro didático; e como o professor dessa turma trabalharia para suprir essa carência do estudo lexical, apresentada no livro didático.

Assim analisando – na fig. 1 - somente a primeira resposta do professor, observamos a associação que o mesmo faz entre o ensino do léxico e o ensino da gramática, como se o léxico de uma língua fosse apenas regras gramaticais. Porém, é justamente isso que ANTUNES (2012) crítica, como vimos na fundamentação teórica desse estudo pois, é preciso considerar o contexto que a palavra está inserida, a cultura de cada lugar e cada época também.

Figura 1. **Primeira resposta do professor.**

- 1- Bem, eu acredito que isso deve-se ao "apego" a prática tradicional do ensino da língua que exige do aluno toda essa carga gramatical mesmo que o mesmo não domine um amplo vocabulário. Por tempos é ensinado e cobrado do aluno essa carga gramatical, porque **o ensino da gramática** ainda não é aplicado de forma contextualizada (falo dos livros didáticos) e acaba prendendo o foco para a gramática - regras e mais regras - e a ampliação do vocabulário realmente fica em segundo plano.

Fonte: o autor, dados do roteiro de entrevista, outubro 2015.

Diante de todas as considerações realizadas acreditamos que a superação dessas implicações no ensino do vocabulário é alcançável e permite “a escola sair do fracasso e chegar ao sucesso de garantir a seu público o domínio da fala, da leitura e da escrita, [...]” ANTUNES (2012, p.166). Para isso, é preciso que esse ensino lexical seja tanto no campo dos significados quanto, especialmente, dos sentidos tendo em vista que a “significação é dada pelos elementos linguísticos e pela relação entre eles, enquanto o sentido é resultado da significação mais as informações do contexto ou da situação da comunicação” FIORIN (2015, P.36).



Considerações Finais

Diante dos resultados e discussão apresentados, compreende-se que o estudo do léxico na escola é fundamental para o desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita, considerando que estas competências são extremamente relevantes e necessárias para atender às diversas demandas da vida social e profissional humana. No entanto, a análise dos dados, procedimentos e colóquios estabelecidos com os teóricos ao longo da investigação possibilitou a constatação de que o estudo da linguagem, no âmbito escolar, tem oferecido à gramática “descontextualizada” maior espaço quando comparado ao estudo dos sentidos e intenções do léxico para interação social. Esse caráter lacônico do ensino lexical, quanto aos seu valores e funções sociais, tem permeado tanto as aulas de Língua Portuguesa quanto os demais componentes curriculares.

Diante disso, compreender *como ocorre o ensino do léxico em sala de aula*, foi primordial para compreendermos a sua importância e ao mesmo tempo insuficiência nas práticas pedagógicas e, em especial, na experiência observada. Contudo, por meio do diálogo com ANTUNES (2012) foi possível refletir estratégias para superar essas inadequações e garantir um ensino do léxico significativo em sala de aula.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*. – 1º ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: uma introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal* / Mikhail Bakhtin [introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6º ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. 1º ed., 1º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

APÊNDICE

RÓTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DO LÉXICO

- 1- Segundo ANTUNES (1937) nas aulas de português o ensino do léxico – vocabulário – é “breve e insuficiente”, enquanto que a gramática ocupa um lugar hegemônico. Você concorda com essa afirmação? Se sim, considerando sua experiência como professor, quais as razões que provocam esse fenômeno?

- 2- As palavras segundo ANTUNES (1937: 27), “são a matéria-prima com que se construímos nossas ações de linguagem”. Diante disso, você acredita na importância do ensino do léxico nas aulas de Língua Portuguesa e em outros componentes curriculares – no Ensino Fundamental – como a “Geografia”?

- 3- A insuficiência de questões acerca do vocabulário também está presente no mundo dos livros didáticos?

- 4- Para suprir a carência acerca do trabalho com a significação das palavras, que existe no livro didático, e contribuir para ampliação do universo vocabular dos seus alunos, como você trabalharia o ensino do léxico, na sua sala de aula?

Fonte: O autor, outubro 2015.